

## **GÊNEROS DIGITAIS CONSTRUINDO E SENDO CONSTRUÍDOS POR GÊNEROS DISCURSIVOS: REPENSANDO AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO**

Petrilson Alan PINHEIRO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo buscar promover uma articulação entre as práticas de leitura e de escrita escolares e as novas tecnologias disponibilizadas na Internet, com o intuito de possibilitar um repensar e uma redefinição das práticas de letramento com as quais a escola ainda opera. Na tentativa de explorar esse potencial de interatividade entre as práticas escolares e o mundo virtual, propomos a realização de um projeto que mostre como os estudos dos gêneros discursivos constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pelos gêneros digitais da Internet. Para tanto, apoiar-nos-emos nos construtos bakhtinianos de dialogismo, enunciado e gêneros discursivos; nas contribuições teórico-metodológicas de Dolz & Schneuwly (2004) sobre os gêneros e sua adaptação para o âmbito escolar; e em fundamentações de Marchuschi (2004), que lida com a questão do gênero digital. Toda a fase exploratória de pesquisa do projeto será realizada com vinte aprendizes e duas professoras do ensino médio de uma escola estadual do município de Campinas, SP. Os aprendizes, com o apoio das professoras, criarão um jornal digital na Internet, fazendo uso de diferentes gêneros discursivos e digitais. Como proposta de análise, serão observados e interpretados os diversos modos como os aprendizes constroem sentidos ao aprenderem e desenvolverem, de forma colaborativa, uma série de conhecimentos que vão desde a pesquisa até fase final da inserção dos textos no jornal virtual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros discursivos; gêneros digitais, letramento, Internet.

### **Introdução**

Os últimos anos têm sido marcados como um período de mudanças muito significativas na vida social. A velocidade dos meios de comunicação e produção, a volatilidade do capital e o acesso aos estoques mundiais de informação, possibilitados pela era da tecnologia digital, vêm exercendo grande influência nas novas formas de sociabilidade. Nesse contexto, a inserção das tecnologias da informação e da comunicação na vida cotidiana dos cidadãos tem se tornado um evento cada vez mais marcante, porque, entre outras coisas, é capaz de reordenar o próprio modo como o ser humano interage e se integra socialmente.

No que diz respeito à instituição escolar, percebe-se, pois, que esta se encontra diante da necessidade premente de repensar sua funcionalidade, reavaliar suas estratégias e

---

<sup>1</sup>Doutorando em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP – Departamento de Linguística Aplicada. End. Rua Boaventura do Amaral, 1360 – apto. 62 – Centro – CEP: 13015-192, Campinas, SP – Brasil. E-mail: petrilsonpinheiro@yahoo.com.br.

(re)inventar suas práticas, sobretudo no que concerne ao processo de ensino-aprendizagem, com o fito de tentar responder às exigências multifacetadas dessa nova sociedade, que se reorganiza de forma cada vez mais dinâmica e redefine novos papéis institucionais com base nas muitas demandas sociais que emergem do cenário atual do mundo globalizado.

Toma-se também como ponto importante o fato de que, com o advento da Internet, os alunos estão se engajando, mais do que nunca, em práticas de leitura e de escrita, o que só corrobora a idéia de que a mídia eletrônica digital, desde que seja usado de forma contextualizada e integrada com o ensino, pode e deve contribuir para promover uma educação de qualidade. Propõe-se neste projeto, portanto, explorar todo esse potencial do mundo virtual com base nos estudos dos gêneros discursivos e dos gêneros digitais, adotando uma perspectiva transdisciplinar<sup>2</sup>.

Partindo, então, desse pressuposto, o presente trabalho busca desenvolver um projeto cujo objetivo é o de trabalhar com gêneros discursivos digitais que circulam na Internet, mostrando o quanto a mídia eletrônica digital está cada vez mais se complexificando, trazendo grandes mudanças e influenciando, ao mesmo tempo em que é influenciada por, os gêneros existentes em outros tipos de mídia. Para tanto, o projeto busca trabalhar com professores de diferentes disciplinas e alunos da rede pública de ensino alguns gêneros digitais para a criação de um *jornal digital* jornalístico na Internet, na tentativa de promover uma articulação entre o ensino das disciplinas escolares (portanto,

---

<sup>2</sup> Não tratarei aqui da questão bastante discutida, e até controversa, que ainda existe entre a “interdisciplinaridade” e a “transdisciplinaridade”. Contudo, estou tomando como base a visão de Thadei (2006, p. 13), ao afirmar que “enquanto interdisciplinaridade busca a articulação entre as disciplinas, mas mantém sua organização no estudo disciplinar, a transdisciplinaridade recebe a colaboração de diversas disciplinas e de conhecimentos que estão além e/ou entre as disciplinas na abordagem de um objeto comum”. Por isso, acredito que minha pesquisa possa ser, de alguma forma, considerada como transdisciplinar.

apresentando um escopo transdisciplinar) e as novas tecnologias disponibilizadas no mundo virtual.

Na primeira parte do trabalho, discuto brevemente os construtos bakhtinianos de enunciado e gêneros discursivos e algumas contribuições teórico-metodológicas de Dolz & Schneuwly (2004) sobre os gêneros e sua transposição para o contexto escolar; em seguida, ao lidar com os conceitos sobre gêneros digitais, busco traçar um paralelo entre os gêneros discursivos e suas novas configurações na mídia eletrônica digital; passo, então, para a apresentação e organização do projeto do *jornal digital* jornalístico; por fim, teço algumas considerações finais acerca do projeto como um todo.

### **A Questão dos gêneros discursivos**

Temos presenciado, nos últimos anos, a uma explosão de novas práticas de leitura e de escrita, consubstanciadas pelas novas tecnologias, que vêm fazendo parte, de forma cada vez mais crescente, das mais diversas esferas da vida social. Essas novas práticas de letramento vêm nos posicionando diante da necessidade premente de reavaliar a funcionalidade da atual situação do ensino, e até de reinventar suas práticas, a fim de responder às exigências multifacetadas dessa nova sociedade de tantos avanços tecnológicos.

Na tentativa, então, de lidar com essas novas demandas sociais, culturais e tecnológicas no ensino, desde o final do século passado vem ocorrendo uma significativa reforma com a promulgação da lei de diretrizes e bases nº. 9.394/96, juntamente com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (doravante, PCN) e do Ensino Médio (doravante, PCNEM), publicados pelo MEC/ SEF, respectivamente em 1998 e 2000. Pela primeira vez na história do país, ainda que de forma um tanto incipiente, têm-se

favorecido, em documentos oficiais, uma visão de ensino atrelada à natureza social da linguagem, associando o estudo da língua a seus aspectos sócio-discursivos.

Essa associação do ensino a questões de ordem social tem promovido, entre outras coisas, um outro olhar acerca da organização tradicional do trabalho escolar, que historicamente tem-se dado por meio das disciplinas (CHERVEL, 1990; SOARES, 2002a), cujo enfoque sempre buscou, acima de tudo, preservar a identidade, a autonomia e os objetivos próprios de cada uma delas. No entanto, assentados sobre o princípio da transdisciplinaridade, uma vez que a própria “linguagem, pela sua natureza, é transdisciplinar, não menos quando é enfocada como objeto de estudo, e exige dos professores essa perspectiva em situação didática” (PCNEM, 2000, p. 5), é possível mobilizar intensamente professores e alunos, assim como os diversos recursos didáticos disponíveis e construídos coletivamente. Talvez isso signifique que tenhamos que promover uma reinserção do objeto de ensino “em redes de práticas, instrumentos e instituições que lhe dão sentido no mundo social” (SIGNORINI, 1998, p. 13). Pressupõe-se, com isso, a possibilidade de se dinamizar o processo de ensino-aprendizagem numa perspectiva dialética, em que o conhecimento é compreendido e apreendido com base numa análise sócio-histórica da realidade social, pois esta “nos possibilita a distância crítica necessária para apreender a realidade escolar contemporânea (LAHIRE, 1993, p. 40).

Na tentativa de compreender a linguagem e o próprio conhecimento com base nos seus efeitos sócio-históricos, as contribuições de Bakhtin têm sido bastante valiosas. Para o autor, todo ato de linguagem (discursivo) é um ato essencialmente dialógico, uma vez que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem. Nesse sentido, o dialogismo é entendido como um elemento representativo das relações discursivas que se estabelecem entre o *eu* e o *outro* nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos. Estes

processos, portanto, se constituem em “contextos que não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1981[1929], p. 96).

Com isso, é possível afirmar que estamos constantemente internalizando e trazendo à tona os discursos dos outros, ou, conforme o próprio Bakhtin (1992[1953], p. 79) assevera, “nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu”. Por conseguinte, o *eu* e o *outro* constroem, cada qual, um universo de valores.

Dentro dessa perspectiva, os *enunciados*, aqui entendidos como unidades reais da comunicação discursiva, se organizam como elos em uma grande cadeia complexa, formando um intercâmbio lingüístico. O interlocutor é dotado de uma responsividade ativa que garante a materialização da compreensão; aquele que fala ou escreve (locutor/ produtor) interage com quem escuta ou lê (interlocutor/ receptor), estabelecendo, assim, uma parceria no ato pleno de comunicação. Nesse sentido, todo enunciado pode ser considerado como uma resposta a outros enunciados, fazendo o locutor e interlocutor terem o mesmo estatuto num movimento de responsividade, daí seu caráter dialógico. A esse respeito, o próprio Bakhtin (1992[1953], p. 279) assevera que:

a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) [...]. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [esferas da atividade humana], não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Ao chamar a atenção para o caráter estável que um conjunto de enunciados pode assumir em uma determinada esfera de comunicação, Bakhtin não só traz à tona o conceito de *gêneros do discurso*, mas também os situa como elementos que são sempre construídos com base em outros pré-existentes, a partir de uma relação histórica de interação entre os usuários da língua dentro de instituições e atividades sociais. Nesse sentido, é possível afirmar que o gênero não existe por si só; ele se estabelece como um fenômeno histórico e social e, sendo assim, é um componente de dentro de um conjunto, não podendo, portanto, ser percebido de forma individual ou isolada.

Ainda nessa citação, Bakhtin pondera que os gêneros discursivos são constituídos por *estilo, forma composicional e tema*. Portanto, trabalhar com a noção de gêneros implica considerar esses três elementos nas mais diversas atividades sócio-discursivas. Quanto ao *estilo*, Bakhtin afirma ser uma posição enunciativa do locutor que compõe uma organização interna própria de autonomia e que caracteriza suas especificidades; a *forma composicional*, por sua vez, lida com a construção das relações entre os elementos do enunciado em si, de modo que seja interpretável por sua estrutura (relações entre as partes e o todo), isto é, a forma da estrutura do enunciado, determinada pela estabilidade do gênero; o *tema*, além de expressar o conteúdo, é composto também pelo *acento valorativo* dado ao enunciado, estabelecendo um diálogo com os interlocutores e com outros enunciados/ temas, por meio das características socioculturais e dos valores que são (re)criados na enunciação.

No momento da realização do enunciado, a escolha (por um determinado gênero e não por outro) ocorre através da disponibilidade dos recursos lingüísticos que são sempre situados. Isso quer dizer que o gênero, conforme mencionamos acima, não existe por si só, mas se estabelece como um fenômeno social, histórico e ideológico, o que nos possibilita afirmar, em consonância com Bakhtin (1992[1953]), que os enunciados são construídos a

partir de uma relação sócio-histórica de interação entre os usuários da língua dentro de instituições e atividades sociais. Tal asserção nos faz operar não com uma visão de linguagem estática, mas com uma visão situada de língua em uso, em que práticas didáticas plurais e multimodais podem ser favorecidas e possibilitadas pelas diferentes teorias de gêneros (ROJO, 2006).

Fundamentando-se também no pensamento de Bakhtin, Dolz & Schneuwly (2004) realizam uma releitura da teoria dos gêneros discursivos / textuais<sup>3</sup> e propõem uma adaptação desta para o âmbito escolar.

Esses autores nos forneceram concepções bastante profícuas para a questão do ensino-aprendizagem de gêneros e para a elaboração de materiais didáticos. Eles nos relembram que a atividade humana é concebida como sendo constituída por sujeito(s), que age(m) sobre objetos ou situações, utilizando-se de objetos específicos e sócio-historicamente elaborados, que se constituem como ferramentas para o agir. Tais ferramentas constituem o comportamento do sujeito, guiando, aperfeiçoando e diferenciando sua percepção da situação em que se encontra e dos objetos sobre os quais atua. Os autores ainda apontam a importância dos gêneros discursivos como verdadeiras ferramentas semióticas complexas que mediatizam a ação de linguagem, permitindo a produção e a compreensão de textos. A esse respeito, Schneuwly (2004, p. 26) pondera que:

---

<sup>3</sup> Os trabalhos mais alinhados com a teoria de gêneros textuais, ao procederem análises ou aplicarem o conceito de “gênero”, tendem a recorrer a categorias mais ligadas à estrutura ou forma composicional dos textos, categorias estas herdadas principalmente da Lingüística Textual (tipos, protótipos, seqüências típicas etc). Contudo, mesmo lidando com certos construtos de autores da escola francófona, como Schneuwly e Dolz, que adotam a perspectiva dos gêneros textuais, acredito que minha pesquisa se aproxime muito mais da teoria dos gêneros discursivos, cujo maior representante é Bakhtin, que tendem a selecionar suas categorias de análise, focalizando aspectos da materialidade lingüística que são determinados pelos parâmetros da situação de enunciação em seus aspectos sócio-históricos. Nesse sentido, ao adotar a noção de gêneros discursivos, as três dimensões dos gêneros (tema, forma composicional e estilo) são entendidas como determinadas pelos elementos de sua situação social de interlocução, pois, sem eles, os gêneros não podem ser compreendidos, produzidos ou conhecidos (ROJO, 2005).

há visivelmente um sujeito, o locutor-enunciador, que age discursivamente (falar/ escrever), numa situação definida por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento que aqui é um gênero, um instrumento semiótico complexo, isto é, uma forma de linguagem prescritiva, que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos.

De acordo com esse autor, os gêneros são o resultado de cristalizações das práticas de linguagem e, portanto, podem ser tomados como modelos de atuação. Em termos didáticos, a análise dos gêneros fornece uma primeira base de *modelização* instrumental para organizar as atividades de ensino que esses objetos de aprendizagem requerem. Nesse sentido, cientes de que, ao introduzir, na escola, gêneros próprios de outras esferas, estes inevitavelmente sofrem uma transformação, Dolz & Schneuwly (2004) propõem, então, a elaboração de “modelos didáticos” de gêneros, isto é, uma variação do gênero de referência, construída numa dinâmica de ensino-aprendizagem, para funcionar numa instituição escolar. De qualquer forma, a proposta é que o trabalho com esses gêneros didatizados seja feito com base em condições de produção que se aproximem ao máximo das verdadeiras situações de comunicação.

Tal proposta se coaduna, por exemplo, com os PCN de língua portuguesa, que fazem indicações explícitas dos gêneros como objeto de ensino e destacam a importância de se considerar as características dos gêneros na leitura e na produção dos textos (ROJO, 2001), pois reconhecem que “todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, os quais geram usos sociais que os determinam” (PCN, 1998, p. 21).

Dessa forma, caso se queira transpor a noção de gêneros para o âmbito do ensino de leitura e produção de textos, de acordo com Dolz & Schneuwly (2004), devem-se propor



atividades didáticas que incluam uma análise do contexto de produção para se chegar à reconstrução dos sentidos dos textos. Quanto à questão de dar sentido aos enunciados, a possibilidade de classificar os gêneros de formas diversas pode também ser um fato positivo, pois dependendo do objetivo com que se quer abordar a noção de gêneros, uma diferente forma de classificação pode ser escolhida. Sob essa perspectiva, Dolz & Schneuwly (2004), com objetivos didáticos, apresentam um *agrupamento de gêneros*, com vistas ao ensino-aprendizagem, baseando-se em três critérios: nos *domínios sociais de comunicação* em que os gêneros circulam, ou seja, as características da situação de produção (quem é o emissor, em que papel social se encontra, em que local é produzido, a quem se dirige, em qual instituição social se produz e circula, em que momento, com qual objetivo, usando qual suporte, em que tipo de linguagem, etc.); nos seus *aspectos tipológicos* (a construção composicional característica do gênero); e nas *capacidades de linguagem dominantes* requeridas pelos mesmos.

Se “é através dos gêneros que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes” (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p.74), então, isso que dizer que a releitura do conceito de gênero enfatiza a questão de sua utilização como um instrumento nas mais diversas situações de comunicação, mormente como um objeto de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, quanto “mais precisa for a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais ela facilitará a apropriação deste como instrumento e possibilitará o desenvolvimento de capacidades de linguagem diversas que a ele estão associadas” (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 15).

Sob esse ponto de vista, todo ato de linguagem seria, portanto, guiado por um motivo que nasce nas práticas sociais, daí seu papel determinante na sua própria formação. Em outras palavras, ele funcionaria como uma interface entre o sujeito e o meio (DOLZ &

SCHNEUWLY, 2004). Torna-se imprescindível, portanto, que passemos a operar com um tipo de conhecimento que não desconsidere o mundo social em que vivemos. Isso significa afirmar que o conhecimento que entendemos como válido deve ser sempre situado, dialogando com as práticas sociais nas quais nos engajamos. Nesse sentido, compreende-se que as práticas de letramento – “várias e analisáveis em suas particularidades – são constitutivas, em campos de práticas extremamente diversos, em novas formas de relações sociais e, por consequência, em novos tipos de relação com o mundo e com o outro” (LAHIRE, 1993, p. 14).

Como base nessa perspectiva, é possível pensar o estudo dos gêneros discursivos como um meio para construir o “elo da cadeia”, no sentido bakhtiniano do termo, entre as práticas de letramento escolares e as práticas de letramento do mundo virtual da Internet, onde múltiplos e variados gêneros discursivos são construídos (e constroem) gêneros digitais. Isso faz surgir a necessidade de fomentar a seguinte pergunta: por que trabalhar com gêneros digitais nas escolas?

### **Os Gêneros digitais**

Estamos, de fato, vivenciando, hoje, segundo Soares (2002b, p. 1) a uma introdução, na sociedade, “de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a *web*), a Internet”. Esse momento é, portanto, bastante privilegiado para buscar entender a condição em que estão se instituindo as práticas de leitura e de escrita digitais, uma vez que esse novo tipo de letramento na cultura digital nos conduz a um estado diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita dos impressos antes da era da Internet.

À luz dessas inovações tecnológicas e de seu impacto nas práticas de leitura e de escrita atuais, devemos, portanto, retomar a questão acima: por que trabalhar com gêneros digitais nas escolas? Para respondermos a essa questão, tomaremos como base, primeiramente, algumas citações dos próprios PCNEM, que apontam, entre outras coisas, que:

as novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar (PCNEM, 2000, p. 11).

[...] Entender o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social (PCNEM, 2000, p. 12).

[...] Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para a sua vida” (PCNEM, 2000, p. 13).

Muito embora os PCN/ PCNEM não façam qualquer referência específica ao uso dos gêneros digitais, o que, até certo ponto, é justificável, visto que os PCN já completaram dez anos e os PCNEM, oito anos, e, na época, os estudos sobre gêneros digitais, quando existentes, ainda eram muito incipientes, o simples fato de demonstrarem preocupações com a importância do uso das novas tecnologias no ensino já seria mais do que suficiente para a inclusão do estudo dos gêneros digitais no contexto escolar.

Além disso, é preciso mencionar que, de fato, alguns dos gêneros emergentes no contexto da tecnologia digital, os gêneros digitais, apresentam características muito semelhantes a dos gêneros já conhecidos tradicionalmente, nas suas várias formas de comunicação e na prática da linguagem escrita da sociedade. Contudo, mesmo reconhecendo que, até um certo ponto, isso seja uma verdade, já que é “fato incontestável que a Internet e todos os gêneros a ela ligados são eventos textuais fundamentalmente baseados na escrita” (MARCUSCHI, 2004, p.15), temos que considerar, outrossim, que, de fato, a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à

informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, novos letramentos, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela (SOARES, 2002b). Segundo Cope & Kalantzis (2000, p. 5), tem havido uma integração e multiplicidade crescentes de modos significantes de construir sentido, em que “o textual está também relacionado ao visual, ao áudio, ao espacial, ao comportamental, e assim por diante, o que é particularmente importante na hipermídia eletrônica”.

Na tentativa, então, de compreender essa relação entre os gêneros, Marchuschi (2004, p. 31) procura traçar um paralelo entre os gêneros emergentes e suas contrapartes pré-existentes, estabelecendo, com isso, doze novos gêneros digitais: *e-mail*, *chat em aberto*, *chat reservado*, *chat ICQ* (agendado), *chat* em salas privadas, entrevista com convidado, *e-mail* educacional (aula por *e-mail*), aula *chat* (aulas virtuais), vídeo-conferência interativa, lista de discussão, endereço eletrônico, *jornal digital*.

O autor ainda aponta três aspectos que tornam relevante a análise dos gêneros digitais MARCHUSCHI, 2004, p. 14):

- a) seu grande desenvolvimento e o uso cada vez mais generalizado;
- b) suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em gêneros prévios;
- c) a possibilidade que oferecem de se reverem conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita.

Para se estabelecer com um meio de comunicação tão poderoso, como de fato o é, o mundo virtual incorporou, em grande parte, gêneros discursivos presentes em outros tipos de mídia, tais como aqueles encontrados em jornal, revista, televisão e rádio. Contudo, já é possível observar que a Internet, por outro lado, vem imprimindo um novo modo de veicular a informação, uma vez que sua tecnologia é capaz de reunir recursos variados que

lhes permitem operar, ao mesmo tempo, com o texto escrito, som, fotos e vídeos etc. O advento da tecnologia digital fez com que gêneros discursivos sofressem adaptações: encurtamento dos textos, uso de *links* eletrônicos, uso da hipermídia, diferente aproveitamento de infográficos, entre outros.

Tendo em vista tais aspectos, é possível afirmar que os gêneros emergentes dessa nova tecnologia digital se portam de maneira diferente, primeiramente porque o surgimento dos gêneros digitais pode ser considerado como o resultado de novas necessidades de interação verbal nesses contextos digitais. Além disso, notamos que, de forma análoga aos gêneros discursivos, conforme apontam Dolz & Schneuwly (2004), os gêneros digitais são também definidos por sua forma, conteúdo, função e suporte que, devido à complexificação tecno-cultural pela qual o nosso mundo vem passando, permitem que os elementos constituintes da linguagem passem pelo mesmo processo, gerando e modificando, com isso, os gêneros discursivos existentes.

### **O projeto de trabalho**

Ao pensar em desenvolver um trabalho de um jornal na Internet, estou, com isso, buscando operar com uma visão de projeto que ajude a não adiar nem negar o desejo de “aprender dos alunos, que afrente a complexidade do conhecimento, que vincule à compreensão da ‘realidade’ e que desperte o interesse em aprender dentro e fora da escola, ao longo de toda a vida” (HERNANDEZ, 2006, p. 5).

Na tentativa, então, de despertar tal interesse dos alunos pelo projeto, procurei pensar um meio de lidar com os gêneros que se aproximasse ao máximo das verdadeiras situações e práticas de comunicação com as quais os próprios aprendizes convivem (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004) ao fazerem uso do mundo virtual.

Nesse sentido, o projeto visa à criação, por parte dos alunos de uma escola pública de ensino médio de Campinas, de um jornal digital na Internet, em que eles farão uso dos seguintes gêneros digitais:

- **E-mail** (meio assíncrono) - para envio dos rascunhos dos textos a serem publicados no jornal digital, comentários, dúvidas e curiosidades entre os alunos;
- **MSN Messenger** (meio síncrono) – para comentários, dúvidas e curiosidades entre os alunos em tempo real;
- **Abiword** (Software livre – editor de texto) – para produção, edição e formatação dos textos digitais a serem expostos no jornal digital;
- **Sites de busca** (Google, Yahoo, Cadê, etc.) – para pesquisa de assuntos e autores relacionados às notícias a serem publicadas no Jornal digital e para trabalhar também as noções de autoria e autenticidade dos textos pesquisados.

O objetivo do projeto é que todos os professores e alunos (ou pelo menos a grande maioria) participem direta ou indiretamente do projeto. Vinte alunos e duas professoras participarão diretamente<sup>4</sup>, os quais serão os responsáveis pelo jornal digital; os demais alunos da escola participarão de forma indireta: entrando no jornal digital, lendo as notícias, participando das enquetes e postando comentários (críticas, elogios, sugestões etc) no próprio jornal digital.

Os vinte alunos voluntários, responsáveis pela criação do jornal digital, irão compor, então, o “corpo editorial” do jornal virtual, que será atualizado semanalmente. Para

---

<sup>4</sup> Os vinte aprendizes e os dois professores são voluntários que tinham disponibilidade para encontros semanais no período da tarde. Eles decidiram participar desta pesquisa após uma reunião que tivemos, em que foram abordados e questionados os objetivos do projeto.

realização das várias atividades de produção do jornal, os alunos serão subdivididos da seguinte forma:

- Um grupo de alunos ficará responsável pela parte técnica das ferramentas a serem usadas no projeto: o jornal digital e o fórum de discussão (*lay-out* da página, cores, inserção dos conteúdos na página – textos, imagens, sons, vídeos. Inserção de *links* para acesso a outras páginas e ícones para realização de enquetes sobre determinados assuntos com os usuários visitantes do *jornal digital*);
- Outro grupo ficará a cargo de realizar pesquisas sobre os assuntos a serem expostos no jornal digital (por meio de pesquisas *online* – através de pesquisas em sites de busca na Internet, e *offline* – buscando possíveis assuntos a serem tratados no jornal por meio de entrevistas e reportagens na região);
- Um terceiro grupo ficará responsável pela produção textual propriamente dita. Os textos serão produzidos de forma colaborativa *offline* (através de conversas presenciais entre os alunos) ou *online*, fazendo uso do e-mail ou do *MSN Messenger*. Este grupo ainda será responsável por responder às possíveis indagações dos usuários visitantes;
- Um último grupo é responsável não só por fazer a revisão dos textos e outros meios multimodais (vídeos, imagens, sons, etc.) a serem expostos no jornal digital, envolvendo os aspectos textuais, como: conteúdo, sistêmico (ortografia, sintaxe, escolhas lexicais), organização e a intenção comunicativa dos textos, mas também por analisar e escolher as variedades lingüísticas mais apropriadas aos contextos de uso, inclusive por meio de consultas a outras fontes na Internet.

Em todos os gêneros digitais acima elencados (*e-mail*, *MSN Messenger*, sites de busca e editor de texto eletrônico), serão analisados os modos como os aprendizes constroem sentidos ao aprenderem e desenvolverem, de forma colaborativa, uma série de conhecimentos, possibilitados exclusivamente pela Internet, que vão desde a pesquisa até fase final da inserção dos textos no jornal virtual do *jornal digital*, tais como:

- Gerenciamento de um grande número de informações em ambiente *online* e poder divulgá-las sem qualquer custo para os alunos e a instituição de ensino, uma vez que o uso do *jornal digital* é gratuito;
- Possibilitar um certo protagonismo aos alunos na luta contra a hegemonia (g)local.
- Exposição os textos de diferentes gêneros discursivos lidos e escritos pelos alunos da turma em ambiente *online* (no *jornal digital*);
- Atualização de forma rápida e hierarquizada (começando pelos conteúdos que julgam ser mais importantes) do conteúdo do jornal digital cronologicamente;
- Inserção dos textos lidos e / ou escritos a elementos multimodais hipermidiáticos como: fotos, áudios, vídeos, gráficos, etc.
- Criação de *hiperlinks*, correlacionando o conteúdo dos textos expostos no jornal digital a outros textos da Internet com o intuito de sugerir ao leitor bibliotecas digitais, *sites* de busca, além de outros autores e textos relacionados ao assunto em questão;
- Análise de forma mais nítida como se dá incorporação da polifonia e a intertextualidade e a hipertextualidade nos textos consultados *online*;
- Desenvolvimento de escrituras de forma colaborativa (cada grupo de alunos é responsável por desenvolver partes diferentes acerca daquilo que é exposto no



jornal digital – uma espécie de multi-autoria, desenvolvida de forma presencial e a distância);

- Desenvolvimento de gêneros discursivos com o apoio de gêneros digitais: com base no suporte oferecido é possível desenvolver atividades interativas entre os criadores do jornal digital e os usuários visitantes, como, por exemplo, a postagem de comentários (sugestões de notícias, reclamações, dúvidas) acerca dos textos, vídeos, fotos etc. Nesse caso, o *jornal digital* seria meio através do qual os alunos podem aperfeiçoar suas habilidades de produção textual na Internet, além de estreitar sua relação com os leitores;
- Divulgação e promoção de encontros e palestras de professores da escola (de várias disciplinas) e fora dela (professores convidados) por meio de um fórum *online*;
- Divulgação informações sobre pesquisas, cursos técnicos, cursos de pré-vestibular gratuitos e / ou de baixo custo, agendas culturais (filmes a serem exibidos na escola ou em cinemas, peças teatrais, exposições de arte etc - tudo com sinopse e trailer (no caso dos filmes) exibidos na própria página do jornal digital);

Com base em todas essas características, é possível perceber o quanto os gêneros digitais se constituem como um instrumento semiótico complexo, isto é, uma forma de linguagem que permite, a um só tempo, a produção e a compreensão de textos (Dolz & Schneuwly, 2004). Pressupõe-se, com isso, que os alunos, ao fazerem uso dos diversos gêneros digitais à sua disposição para construir seu jornal digital jornalístico, serão capazes de lidar e de refletir sobre as características da sua situação de produção (quem é o emissor, em que papel social se encontra, em que local é produzido, a quem se dirige, em qual instituição social se produz e circula, em que momento, com qual objetivo, usando

qual suporte, em que tipo de linguagem, etc.); nos seus aspectos tipológicos (a construção composicional característica do gênero); e nas capacidades de linguagem dominantes requeridas pelos mesmos (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004).

Dessa forma, ao se transpor a noção de gêneros para o âmbito da produção de textos na Internet, estamos buscando, com isso, enfatizar meios que incluam uma análise dos contextos de produção, nos seus aspectos tipológicos e lingüísticos para se chegar à reconstrução dos sentidos dos textos por meio do uso dos próprios gêneros, uma vez que é através destes “que as práticas de linguagem materializam-se nas atividades dos aprendizes” (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p.74). Isso quer dizer, então, que a releitura do conceito de gênero enfatiza a questão de sua utilização como um instrumento nas mais diversas situações de comunicação, inclusive nos contextos do mundo virtual.

### **Considerações finais**

O presente projeto serviu como base para discutir acerca dos novos pressupostos da comunicação da humana no ciberespaço por meio do uso dos gêneros digitais. Ao ter buscado trazer à tona os conceitos de gêneros discursivos, busquei, com isso, tentar mostrar como os estes constroem e são construídos pelos gêneros digitais na tentativa de pensar um ensino transdisciplinar.

Nesse sentido, ao propor um projeto com alunos e professores do ensino médio que envolva o uso dos gêneros digitais na criação de um *jornal digital* jornalístico, estou operando com uma concepção de “projeto de trabalho que poderia ser considerado como um formato aberto (não rígido e estável) para a indagação, de maneira que permita estruturar e contar uma história” (HERNANDEZ, 2006, p. 4).

Sob essa perspectiva, acredito que seja possível compreender que lidar com os gêneros com base numa visão dialógica e sócio-histórica linguagem (BAKHTIN, 1992[1953]), isto é, como prática social situada no contexto de (inter)ação, pode permitir que entendamos que a(s) maneira(s) como nos posicionamos discursivamente, sobretudo em práticas de produção textual disponibilizadas nos espaços virtuais, contribuem para (re)construir sentidos no mundo social e, mais do que isso, quem somos nesse mundo social.

Portanto, ressalto aqui a importância de áreas que lidam com a linguagem continuarem realizando pesquisas que contemplem esse mundo novo do ciberespaço e suas múltiplas possibilidades de (re)construir significados por meio de seus múltiplos gêneros digitais para que, com isso, seja possível promover um (re)pensar, e até uma redefinição, sobre as nossas teorias e práticas que compõem a comunicação humana.

### **Referências bibliográficas**

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. SP: Hucitec. 1981[1929].
- \_\_\_\_\_. “Os gêneros do discurso”. In M. \_\_\_\_\_, *Estética da Criação Verbal*, SP: Martins Fontes, 1953 / 1992. pp. 277-326.
- BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*. Brasília, 1998.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília, 2000.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: Reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, 2. 1990. pp. 177-229.
- COPE, B. & KALANTZIS, M. (Eds). *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*. Londres: Routledge. 2000.
- DOLZ J; SCHNEUWLY, B. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- HERNÁNDEZ, F. “Os Projetos de trabalho: um mapa para navegantes em mares de incertezas”. In: *Projeto Revista de Educação* (4), 2ª ed. Porto Alegre: Projeto, 2004.

- MARCHUSCHI, L.A. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: MARCHUSCHI, L.A. & XAVIER, A. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. RJ: Editora Lucerna, 2004.
- ROJO, R. H. R. Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos. In R. H. R. (org) *A prática de linguagem em sala de aula Praticando os PCNs*. Campinas/SP: Mercado de Letras/EDUC. 2001. pp. 27-40
- \_\_\_\_\_. “Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e práticas”. In: Meurer, J.L.; Bonini, A.; Motta-Roth, D. (orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. pp. 184-207.
- \_\_\_\_\_. “O texto como unidade e o gênero como objeto de ensino de Língua Portuguesa”. In: Travaglia, L. C. (Org.). *Encontros na Linguagem - Estudos Lingüísticos e Literários*. 1ª ed. Uberlândia, MG: EDUFU, 2006, v. único, pp. 51-80.
- SCHNEUWLY, B. “Gêneros e tipos de texto: considerações psicológicas e ontogenéticas”. In: R. Rojo & G. S. Cordeiro (trads/orgs) *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- SIGNORINI, I. “Do residual, ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Lingüística Aplicada”. In I. Signorini & M. C. Cavalcanti (Orgs.). *Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras. 1998. pp. 99-110.
- SOARES, M. “Português na escola: História de uma disciplina curricular”. In: M. Bagno, Marcos (org.) *Lingüística da norma*, pp. 155-177. São Paulo: Edições Loyola. 2002a. pp. 155-177.
- \_\_\_\_\_. “Novas práticas de Leitura e Escrita: Letramento na cibercultura”. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-7330008&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-7330008&lng=pt)>. 2002b  
Acesso em: 28 de março de 2008.
- THADEI, J. L. M. Letramento e temas transversais nas séries iniciais do Ensino Fundamental – para além da transversalidade temática. Dissertação de mestrado. São Paulo: LAEL/PUC-SP. 2006.